

ADNEI DA SILVA SEIXAS SANTOS
DANIELLE BARBOSA MARTINS RODRIGUES MESQUITA
CRISTIANO PROENÇA SANTOS
CHEILA SOARES PROFESSOR
MARIA MARCILENE LEITE DA SILVA COSTA
RUAN FELIPE DA SILVA CESÁRIO

A ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ISBN- 978-65-84809-37-6

SÃO PAULO | 2022



ADNEI DA SILVA SEIXAS SANTOS
DANIELLE BARBOSA MARTINS RODRIGUES MESQUITA
CRISTIANO PROENÇA SANTOS
CHEILA SOARES PROFESSOR
MARIA MARCILENE LEITE DA SILVA COSTA
RUAN FELIPE DA SILVA CESÁRIO

A ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ISBN- 978-65-84809-37-6

SÃO PAULO | 2022



1ª Edição

Adnei da Silva Seixas Santos
Danielle Barbosa Martins Rodrigues Mesquita
Cristiano Proença Santos
Cheila Soares Professor
Maria Marcilene Leite da Silva Costa
Ruan Felipe da Silva Cesário

A ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ISBN- 978-65-84809-37-6



1ª Edição

Adnei da Silva Seixas Santos
Danielle Barbosa Martins Rodrigues Mesquita
Cristiano Proença Santos
Cheila Soares Professor
Maria Marcilene Leite da Silva Costa
Ruan Felipe da Silva Cesário

A ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ISBN- 978-65-84809-37-6

SÃO PAULO
EDITORA ARCHE
2022

Copyright © dos autores e das autoras

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Internacional (CC BY- NC 4.0). Revista REASE chancelada pela Editora Arche.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R848 A rotina na educação infantil [livro eletrônico] / Adnei da Silva Seixas Santos... [et al.]. – São Paulo, SP: Ed. do Autor, 2022.
114 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84809-37-6

1. Educação de crianças. 2. Educação pré-escolar – Programas de atividades. I. Santos, Adnei da Silva Seixas. II. Mesquita, Danielle Barbosa Martins Rodrigues. III. Santos, Cristiano Proença. IV. Professor, Cheila Soares. V. Costa, Maria Marcilene Leite da Silva. VI. Cesário, Ruan Felipe da Silva.

CDD 372.21

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

São Paulo- SP
Telefone: +55 (11) 94920-0020
<https://periodicorease.pro.br>
contato@periodicorease.pro.br

1ª Edição - Copyright© 2022 dos autores.

Direito de Edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

Editora-Chefe Dra. Patrícia S. Ribeiro

Revisão Os autores

Projeto Gráfico Ana Cláudia Néri Bastos/ Talita Tainá Pereira Batista

Conselho Editorial Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

José Fajardo, Fundação Getúlio Vargas

Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

María Valeria Albardonado, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores se responsabilizam publicamente pelo conteúdo desta obra, garantindo que o mesmo é de autoria própria, assumindo integral responsabilidade diante de terceiros, quer de natureza moral ou patrimonial, em razão de seu conteúdo, declarando que o trabalho é original, livre de plágio acadêmico e que não infringe quaisquer direitos de propriedade intelectual de terceiros. Os autores declaram não haver qualquer interesse comercial ou irregularidade que comprometa a integridade desta obra.

APRESENTAÇÃO

Nas instituições voltadas para o atendimento e educação de crianças menores de 5 anos, há uma preocupação cada vez maior em organizar o trabalho pedagógico, portanto, cuidar também da rotina escolar como forma de organização do cotidiano. atividades do jardim de infância. Daí a questão problemática: Como as instituições de educação infantil abordam as rotinas de organização do trabalho pedagógico?

Nesse sentido, o objetivo geral foi estudar as rotinas de organização do trabalho pedagógico das instituições de ensino infantil. Assim, percebendo a importância do trabalho pedagógico na educação infantil; analisar o papel da rotina na organização do trabalho pedagógico; apresentar propostas para a organização do funcionamento diário das instituições de ensino infantil.

Metodologicamente, trata-se de um estudo bibliográfico, que se inicia com a leitura e análise de textos e, além da discussão teórica, com sugestões de diversas atividades rotineiras.

A tarefa do educador e de todos os responsáveis por este processo é desenvolver as capacidades de cada ser e oferecer momentos para o desenvolvimento pessoal e social das crianças. Nesse sentido, a rotina deve ser planejada de forma que atenda às necessidades de todos os atores e faça uma gestão do tempo que se mova com as crianças.

Os resultados deste livro mostram que alguns adultos enfrentam o dilema de não respeitar a individualidade e as idiossincrasias da criança e seguir rigorosamente a rotina que muitas vezes lhe é prescrita.

O universo de uma criança é composto por ludicidade, espontaneidade, criatividade, imaginação, fantasia, jogos, música, corpo, gestos, entre outras coisas, por isso não é adequado para

uma organização fragmentada. Isso requer novas formas de intervenção de crianças pequenas que têm sua própria percepção de educação. Para que tal mudança ocorra, é preciso enfatizar as condições de trabalho e a organização do tempo e do espaço para crianças e adultos no ambiente escolar.

Os autores,

1. INTRODUÇÃO

O interesse pelo assunto justifica-se com base em nossa experiência profissional, pois o assunto da rotina nos inspirou que existem diferenças entre as disciplinas, pois muitas vezes aliena a condição de criança. Por isso, discutimos a questão do incentivo à organização do trabalho pedagógico das instituições de forma a favorecer o desenvolvimento, a autonomia e as relações mútuas dos membros das unidades. Pesquisas, textos e documentos tratam do tema do trabalho pedagógico na educação infantil e das possibilidades de lidar com rotinas em sua organização.

Nesse sentido, a questão problemática deste livro foi: Como as instituições de educação infantil se relacionam com as rotinas na organização do trabalho pedagógico?

Quanto aos objetivos, o objetivo geral foi

investigar a rotina de organização do trabalho pedagógico das instituições de ensino infantil. Os objetivos específicos foram: conhecer a importância do trabalho pedagógico na educação infantil; analisar o papel da rotina na organização do trabalho pedagógico; apresentar propostas sobre a organização do trabalho diário das instituições de educação infantil.

Nesta etapa da educação, a Proposta Pedagógica revela, entre outras coisas, sua estrutura, desafios, objetivos, avaliações. Então é preciso que o trabalho pedagógico organize a rotina como um processo de pensamento, avaliando o tempo e o espaço dessas crianças no ambiente escolar.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil “rotinas rígidas e inflexíveis desconsideram a criança, que precisa adaptar-se a ela e não o contrário; desconsideram também o adulto, tornando seu

trabalho monótono, repetitivo e pouco participativo” (RCNEI, 1998, p. 73).

Para Barbosa (2006, p. 35): “rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil”. O que justifica-se a responsabilidade de se oferecer: “uma educação infantil que respeite os direitos da criança em um espaço adequado, rico em estímulos, agradável aos olhos infantis, num tempo bem planejado, capaz de satisfazer suas necessidades em busca da construção de novos saberes e da descoberta do mundo a sua volta, brincando e sendo feliz nesta fase da vida que merece toda nossa atenção, a infância” (MORENO, 2007, p. 55).

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a

cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade (Lei nº 9.394/96, art. 29). De acordo com essa Lei, a educação infantil deve ser oferecida em creches para as crianças de 0 a 3 anos, e em pré-escolas para as crianças de 4 e 5 anos.

Daí a importância das rotinas nesta fase de formação, pois introduzem a implementação do conceito de educação e cuidado, que é sobretudo o cartão de visita dos pais e da comunidade, com destaque para o programa de formação da unidade.

A criança em aprendizagem é um sujeito histórico com direitos. Na educação infantil, ela se desenvolve por meio de relações humanas e práticas educativas, bem como por meio da comunicação com adultos e crianças de diferentes idades.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, o papel da educação infantil é o de cuidar da criança em espaço formal, contemplando a alimentação, a higiene e o lazer (brincar). É objetivo educar, respeitando o caráter lúdico das atividades, voltadas ao desenvolvimento integral da criança, em todas as atividades.

Como auxílio à sistematização do trabalho de planejamento, deve ser prestado um serviço educacional de qualidade, em que a compreensão de que a criança é um ser ativo e influente na sociedade, capaz de comunicar e influenciar a cultura, deve ser estabelecida desde a primeira infância.

Para KRAMER (1991) o trabalho pedagógico deve-se articular “a realidade sociocultural das crianças, o desenvolvimento infantil e os interesses específicos que as crianças manifestam, bem como os conhecimentos

acumulados historicamente pela humanidade a que todos têm direito acesso” (KRAMER, 1991, p.50).

Na prática educativa de creches e pré-escolas deve estar sempre presente uma rotina de trabalho, na qual as crianças são convidadas a participar, de modo que o funcionamento da instituição seja considerado adequado para o desenvolvimento de todos os aspectos necessários para a primeira infância.

Estudos definem a rotina da educação infantil como uma categoria pedagógica: “que está em profunda inter-relação com as rotinas organizadas social e politicamente” (BARBOSA, 2006, p.48).

As rotinas são um dos elementos integrantes das práticas pedagógicas, que são planejadas e reguladas, com objetivo de organizar o cotidiano da instituição, construindo no tempo as habilidades de todos os integrantes.

A rotina concebida como produto cultural, é produzida no dia-a-dia, organizando o cotidiano de quem nela está inserida. Portanto, a rotina torna-se apenas um esquema que prescreve o que se deve fazer e em que momento esse fazer é adequado (BARBOSA, 2006, p. 36).

A aprendizagem está intrinsecamente relacionada à assimilação cultural, que sempre leva a um processo ativo por parte do aprendiz. No entanto, o protagonismo dos adultos e das pessoas mais experientes torna-se necessário para efetivar o direito de propriedade, pois a criança adota o mundo dos objetos e das relações humanas por meio de outras pessoas.

Em síntese, a organização do trabalho pedagógico na educação infantil deverá favorecer: a vivência e a experimentação; o ensino globalizado; a participação ativa da criança; a magia, a ludicidade, o movimento, o afeto, a autonomia e a criatividade infantil (MORENO 2007, p. 58).

A organização do trabalho é entendida como promotora de autonomia e muitas vezes como reforço de normas. O desafio atual da educação infantil é desenvolver propostas verdadeiramente educativas e não utilizar a rotina como uma rotina rigorosamente seguida, mas como forma de organizar o tempo e o espaço escolar.

Portanto, espera-se que este estudo contribua com o professor de educação infantil na organização do trabalho pedagógico com crianças de 0 a 5 anos, mostrando-lhe a importância da rotina no cotidiano das crianças pequenas.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	19
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
CAPÍTULO 2	35
A ROTINA NA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL	
CAPÍTULO 3	64
A ORGANIZAÇÃO DA ROTINA NA INSTITUIÇÃO INFANTIL:ALGUMAS SUGESTÕES	
CONCLUSÃO	101
REFERÊNCIAS	104
ÍNDICE REMISSIVO	111

CAPÍTULO 1

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Desde a promulgação da Constituição Federal em 1988, a educação infantil é reconhecida como direito de todas as crianças de 0 a 5 anos. Assim, as leis foram introduzidas para regular as necessidades desta classe, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96) em seu artigo 29, que esclarece:

A educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade, em seus aspectos físicos, afetivos, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A criança é um sujeito histórico com direitos. Na educação infantil, desenvolve-se por meio de relações humanas e práticas educativas e de comunicação com adultos e crianças de diferentes idades. Portanto, é preciso pensar na organização do trabalho pedagógico das instituições de ensino infantil.

O trabalho pedagógico, na creche e na pré-escola, se expressa na organização

curricular que, por sua vez, inclui a organização do tempo, do espaço, das rotinas de atividades, da forma como o adulto exerce seu papel dos materiais disponíveis, isto é, da prática pedagógica realizada em cada sala de aula ou fora dela, em outros espaços pedagógicos – parque infantil, refeitório, biblioteca, brinquedoteca, sala de vídeo, laboratórios etc. (MORENO, 2007, p.56).

Assim, a precisão da organização do trabalho pedagógico nesta etapa da educação básica, bem como a precisão do espaço que permanece em seu cotidiano, contribui para o trabalho docente do professor de educação infantil.

As relações humanas sempre dão em um lugar e são essas ações que determinam os espaços. A noção de lugar diz respeito à localidade física, determinada, com um endereço, com uma situação no mundo, já o espaço é algo abstrato, que é criado, reproduzido. Assim, um mesmo lugar pode ser espaço para diferentes finalidades, em momentos diferentes (FREITAS, 2011, p. 200-201).

Os Referenciais Curriculares Nacionais

para Educação Infantil (1998), diz que o papel da Educação Infantil é o cuidar da criança em espaço formal, contemplando a alimentação, a higiene e o lazer (brincar), por isso o educador precisa estar atento a todas as atividades, para desenvolver a ludicidade com ênfase no desenvolvimento integral da criança. Assim: “[...] a organização do trabalho pedagógico na educação infantil deverá favorecer: a vivência, a experimentação, o ensino globalizado, a participação ativa da criança, a magia, a ludicidade, o afeto, a autonomia [...]” (MORENO, 2007, p. 58).

[...] a sala de aula deve estar organizada de maneira que, as crianças tenham acesso aos materiais didáticos, como jogos, livros e brinquedos, os quais a professora pode ir substituindo gradativamente por outros, lembrando sempre, que a educadora deve interagir com a criança, questioná-la sobre o que está construindo e ainda direcioná-la aos outros materiais [...] (BRENNER, s/d, p.2).

O trabalho pedagógico tem a função de criar um ambiente onde a criança se sinta acolhida, segura e satisfeita, capaz de lidar com seus anseios (raiva, medos, curiosidades...), ou seja, um ambiente rico em experiências, onde haja: “[...] fortalecimento de sua autoestima, interesse e curiosidade pelo conhecimento do mundo, na família com diferentes linguagens e na aceitação das diferenças [...]” (OLIVEIRA, 2010, p.10), essenciais na construção de sua identidade.

De acordo com a LDB/96 e DCNEI/96, a Proposta Pedagógica é a identidade de uma instituição educativa, esta é considerada também como um “retrato” de um determinado Centro de Educação Infantil que abrange seus educadores, seus sonhos, seus desejos, suas crenças, seus valores, suas concepções que orientam sua ação de cuidar e educar as crianças. Além disso, descreve sua forma de

organização, planejamento, avaliação, articulações, dificuldades, problemas e a forma de superá-los.

Oliveira (2010) diz que os aspectos importantes na composição da proposta pedagógica e curricular, descritos nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil de cada instituição, tais como:

- garantir espaços e tempos para participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização das diferentes formas em que elas se organizam.
- trabalhar com os saberes que as crianças vão construindo ao mesmo tempo em que se garante a apropriação ou construção por elas de novos conhecimentos.
- considerar a brincadeira como a atividade fundamental nessa fase do desenvolvimento e criar condições para que as crianças brinquem diariamente.
- propiciar experiências promotoras de aprendizagem e consequente desenvolvimento das crianças em uma frequência regular.
- selecionar aprendizagens a serem promovidas com as crianças, não as

restringindo a tópicos tradicionalmente valorizados pelos professores, mas ampliando-as na direção do aprendizado delas para assumir o cuidado pessoal, fazer amigos, e conhecer suas próprias preferências e características.

- organizar os espaços, tempos, materiais e as interações nas atividades realizadas para que as crianças possam expressar sua imaginação nos gestos, no corpo, na oralidade e/ou na língua de sinais, no faz de conta, no desenho, na dança, e em suas primeiras tentativas de escrita.

- considerar no planejamento do currículo as especificidades e os interesses singulares e coletivos dos bebês e das crianças das demais faixas etárias, vendo a criança em cada momento como uma pessoa inteira na qual os aspectos motores, afetivos, cognitivos e linguísticos integram-se, embora em permanente mudança.

- abolir todos os procedimentos que não reconhecem a atividade criadora e o protagonismo da criança pequena, e que promovam atividades mecânicas e não significativas para as crianças.

- oferecer oportunidade para que a criança, no processo de elaborar sentidos pessoais, se aproprie de elementos significativos de sua cultura

não como verdades absolutas, mas como elaborações dinâmicas e provisórias.

- criar condições para que as crianças participem de diversas formas de agrupamento (grupos de mesma idade e grupos de diferentes idades), formados com base em critérios estritamente pedagógicos, respeitando o desenvolvimento físico, social e linguístico de cada criança.

- possibilitar oportunidades para a criança fazer deslocamentos e movimentos amplos nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição, e para envolver-se em exploração e brincadeiras.

- oferecer objetos e materiais diversificados às crianças, que contemplem as particularidades dos bebês e das crianças maiores, as condições específicas das crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, e as diversidades sociais, culturais, étnico-raciais e linguísticas das crianças, famílias e comunidade regional.

- organizar oportunidades para as crianças brincarem em pátios, quintais, praças, bosques, jardins, praias, e viverem experiências de semear, plantar e colher os frutos da

terra, permitindo-lhes construir uma relação de identidade, reverência e respeito para com a natureza.

- possibilitar o acesso das crianças a espaços culturais diversificados e a práticas culturais da comunidade, tais como apresentações musicais, teatrais, fotográficas e plásticas, e visitas a bibliotecas, brinquedotecas, museus, monumentos, equipamentos públicos, parques, jardins (OLIVEIRA, 2010, p.10-12).

Desse modo todos os detalhes no ambiente na Educação Infantil influenciam no processo de desenvolvimento das crianças, tanto no que se refere ao ambiente interno (sala) como os demais ambientes da escola (banheiros, refeitórios, parques...). Neste sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais descrevem que a proposta pedagógica neste tipo de instituição “deve ter como objetivo garantir à criança o acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens [...]” (BRASIL, 2010, p. 18).

A rotina na Educação Infantil pode ser facilitadora ou cerceadora dos processos de desenvolvimento e aprendizagem.

Organizar o cotidiano das crianças da Educação Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. É importante que o educador observe do que as crianças brincam, como estas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Este conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado. Ao lado disto, também é importante considerar o contexto sociocultural no qual se insere e a proposta pedagógica da instituição, que deverão lhe dar suporte (BARBOSA; HORN, 2001, p. 67).

Oliveira (2010) em seus estudos apresenta a definição de currículo para a Educação Infantil, respaldada nas Diretrizes Curriculares

Nacionais para a Educação Infantil, ao dizer que este consiste na:

[...] ação mediadora da instituição de Educação infantil como articuladora das experiências e saberes das crianças e os conhecimentos que circulam na cultura mais ampla e que despertam o interesse das crianças. Tal definição inaugura então um importante período na área, que pode de modo inovador avaliar e aperfeiçoar as práticas vividas pelas crianças nas unidades de Educação Infantil (OLIVEIRA, 2010, p. 5).

Cada instituição de ensino possui um currículo e a organização do trabalho pedagógico é desenvolvida com base nele. Às vezes esse currículo pode ser registrado em um documento oficial, mas na verdade a maior expressão do currículo é a prática pedagógica cotidiana realizada em cada sala de aula.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o planejamento tornou-se indispensável para o bom trabalho pedagógico em

qualquer unidade escolar. Ferreira (2012) aponta que as instituições também precisam estabelecer um planejamento que leve a reflexão das práticas e experiências vivenciadas e posteriormente avaliando-as e redimensionando-a para que atenda a necessidade da comunidade escolar.

A autora afirma que a construção do Projeto Político Pedagógico é o primeiro passo para que a instituição se planeje e consiga atingir seu principal objetivo, o avanço no processo de ensino aprendizagem, portanto, “[...] é a partir do PPP que surgirão, também, os pressupostos norteadores da proposta curricular adotada pelos educadores para seu trabalho com o grupo de alunos[...]” (p. 27).

Oliveira (2010) define e descreve a importância do documento, para a autora:

O projeto pedagógico é o plano orientador das ações da instituição. Ele define as metas que se pretende para o desenvolvimento dos meninos e meninas que nela são educados e

cuidados. É um instrumento político por ampliar possibilidades e garantir determinadas aprendizagens consideradas valiosas em certo momento histórico.

Diante da afirmação, é interessante ressaltar a importância da participação da comunidade escolar, na elaboração do documento.

[...] o momento da elaboração do PPP configura-se no espaço fundamental para os professores colocarem à mesa todos os aspectos relevantes à execução de sua prática, estes voltados a atender com qualidade o seu grupo de alunos, estando à proposta pedagógica diretamente ligada ao planejamento do trabalho do docente (FERREIRA, 2012, p.28)

A autora ainda dispõe que:

O planejamento no âmbito do ensino refere-se, diretamente, ao que será feito pelo professor para que alcance tanto as metas estabelecidas no plano institucional quanto com aquilo que ele identifica como necessidades e interesses do seu

grupo. O planejamento trata, assim, das questões referentes ao processo de ensino e aprendizagem em um diálogo estabelecido entre as premissas elaboradas coletivamente no Projeto Político-pedagógico e as necessidades e os interesses observados pelo docente para com seu grupo de alunos. É a última instância no processo organizatório educacional e, portanto, a mais importante delas, pois irá, diretamente, atingir os alunos (FERREIRA, 2012, p.28)

Nesse sentido, vale lembrar que, além de os profissionais, os professores terem o direito de participar da elaboração dos documentos escolares, esta é uma obrigação prevista na Lei de Diretrizes e Bases na Educação Nacional de 1996, garantido em seu artigo 13:

Os docentes incumbir-se-ão de:

- I participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III zelar pela aprendizagem dos

alunos [...] (Lei nº 9.394/96, art. 13).

O professor precisa estar em constante reflexão diante do seu trabalho pedagógico. Ferreira (2012) menciona em seus estudos a relevância de verdadeiramente conhecer a realidade de seus alunos, ressaltando, que a criança deve ser considerada o centro do planejamento, por isso, o professor deve estar atento as suas necessidades e interesses.

À luz dessa afirmação, percebe-se que o professor deve olhar atentamente para cada criança, promover seu interesse e capacitá-la a aprender coisas novas, ou seja, a gestão do tempo e do espaço é essencial no trabalho pedagógico essencialmente implementado.

CAPÍTULO 2

A ROTINA NA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste segundo capítulo, discutimos a organização do tempo e do espaço infantil, considerando que a atividade deve ser desenvolvida com intenção e propósito, e não apenas para ocupar o tempo como passatempo. Seu objetivo não é defender ou criticar rotinas, mas refletir e questionar seu desenvolvimento.

A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação (BRASIL, 1998, p. 23).

Assim, isso requer da criança uma prática pedagógica ativa e fundamentada, que é o papel central da instituição de jardim de infância e pré-escola, cuja tarefa é fornecer e desenvolver fatores como: sociais, psicológicos, emocionais, afetivos,

psicológicos, por exemplo.

Um centro de educação infantil de qualidade valoriza aspectos importantes, como salas amplas e de fácil acesso, planejamento e organização de atividades que levem em consideração as diferentes habilidades de desenvolvimento da criança. Além do espaço dado, deve-se pensar também no material que é oferecido a essas crianças, de forma que possibilite descobertas e mudanças. “Paralelo ao espaço e os materiais, deve-se pensar na organização da rotina, já que a ordem e a sequência das atividades contribuem para a criança sentir-se segura e compreender o contexto em que está vivenciando” (GIL, 2014, p. 17).

É necessário reforçar a ideia de que a rotina deve prever pouca espera das crianças. A espera pode ser evitada se organizada de maneira que a criança tenha acesso e disponibilidade em realizar outras tarefas, de forma autônoma, enquanto o

professor atende ou está ocupado em outro objetivo.

“Para planejar uma rotina é preciso coordenar atividades, brincadeiras e cuidados garantindo momentos de aprendizagem de modo articulado”(SANTOS, 2014, p. 20). Refletir sobre os elementos da rotina escolar é o nosso objeto e, entender como se tem organizado este espaço físico e temporal em favor da aprendizagem, se torna o nosso objetivo.

A rotina é uma categoria pedagógica cujo desafio é o desenvolvimento do trabalho cotidiano nas instituições de Educação Infantil, sua organização e atendimento à criança. Destarte, a rotina é responsável por sintetizar o projeto pedagógico das instituições e apresentar a proposta de ação educativa dos profissionais, exercendo a função de organizar o trabalho do educador (BARBOSA, 2006).

Para Barbosa (2006), a palavra rotina surgiu

no francês antigo como *route*, derivado do latim *rota*. Possui significado relacionado a caminho, rumo, mas também se refere à sequência temporal de ações realizadas todos os dias e da mesma maneira. “Vê-se, portanto, que a palavra *rotina* está relacionada à sequência de ações e tarefas estabelecida, tornando-se automáticas e previsíveis, já que a ordem e a permanência se fazem presentes” (GIL, 2014, p. 25-26).

Falar de rotina é falar de algo planejado e discutido dentro de uma instituição escolar, de modo que favoreça o desenvolvimento e a locomoção dos alunos que ali permanecem em tempo integral, entretanto:

Falar da creche ou da educação infantil é muito mais do que tratar de uma instituição [...]. É falar da criança. De um ser humano, pequenino, mas exuberante de vida; dependente, mas capaz de polarizar atenções ao redor de si; todo aberto para o outro, mas que só se desvela se, no outro, houver paixão (DIDONET apud PASCHOAL 2007, p. 53).

De acordo com Machado (2002), a Educação Infantil, enquanto campo de conhecimento, de atuação profissional e de política educacional pública:

Vem ganhando contornos mais nítidos e com isso as discussões que emanam de seu interior adquirem maior visibilidade e consistência. Favorecem essa trajetória a crescente compreensão sobre os processos envolvidos no crescimento e no desenvolvimento das crianças desde que nascem, bem como nas formas de apropriação de significados e na consolidação dos direitos a elas consignados pela sociedade brasileira (MACHADO, 2002, p. 9).

Para Angotti (2006) a infância é uma etapa única na vida de uma pessoa, em que o trabalho pedagógico da educação infantil se estrutura e se planeja, exigindo que seja um momento único, mágico, de pleno desenvolvimento. Portanto, a presença de profissionais no papel de educadores é essencial, o que define uma nova prática educativa

que leve em conta o processo de desenvolvimento da criança..

O papel da educação infantil e do educador infantil concretiza-se no ideal de recuperação da infância perdida nos tempos modernos para inserir a criança no mundo do conhecimento, na condição de ser alfabetizada na leitura de mundo, na leitura interpretativa de tudo o que está ao seu redor sem perder a natureza, a magia, a fantasia, o mundo maravilhoso do ser criança e propiciar-lhes desenvolvimento integral, seguro e significativo (ANGOTTI, 2006, p.26).

A LDB 9394/96, determina que a Educação Infantil possui a finalidade de promover o desenvolvimento integral das crianças, em seus aspectos: físico, intelectual, psicológico e social, daí a necessidade de planejar uma rotina voltada para as exigências das crianças.

À estrutura básica, da espinha dorsal das atividades do dia. A rotina diária é o desenvolvimento prático do planejamento. É também a sequência de diferentes atividades

que acontecem no dia-a-dia da creche e é esta sequência que vai possibilitar que a criança se oriente na relação tempo-espço e se desenvolva. Uma rotina adequada é um instrumento construtivo para a criança, pois permite que ela estruture sua independência e autonomia, além de estimular sua socialização (GONÇALVES, s/d, p. 1).

A rotina então organizada permite às crianças variedades de áreas em que possam se envolver, a brincadeira é uma delas, pois, “brincando elas exploram as diferentes representações que têm do mundo” (OLIVEIRA, 1995, p. 90).

Além disso, cada faixa etária exige dinâmicas diferentes, não sendo adequado organizar a mesma rotina para todas as turmas de uma instituição de ensino. As rotinas devem ser organizadas para que se dê atenção ao autocuidado e ao aprendizado, cabendo aos professores e parceiros institucionais desenvolver projetos e atividades para que o tempo seja gasto

em benefício das crianças.

Ao pensar na palavra rotina, vale destacar algumas características, como a ideia de repetição, o tempo perdido, a sequência das atividades e a produção cultural da organização cotidiana. No entanto, as atividades rotineiras se destacam na educação infantil: momentos de higiene, momentos de entrada e saída, descanso, almoço, lanche, atividades livres e supervisionadas, jogos, brincadeiras, etc., ou seja, limitar todas as atividades diárias.

Dentre as várias maneiras pelas quais a rotina dos membros de uma instituição pode ser revelada e fixada, é importante considerar as necessidades de quem vivencia essa rotina em sala de aula, ou seja, as necessidades de professores e alunos, pois definem; como esta ordem deve ser divulgada.

Os exemplos de rotinas e as formas de representação das mesmas têm como objetivo permitir que as crianças possam compreender o tempo,

tomando consciência da ordem das atividades do dia, da semana ou do mês, e saibam que podem organizar esse tempo para usufruí-lo naquilo que lhes parece o mais interessantes. Servem também para criar consciência sobre o que acontecerá depois, convertendo-se em um participante ativo na sua vida pessoal grupal. Assim, a apropriação das rotinas pelas crianças e pelas educadoras pode levar a um novo tipo de organização do cotidiano (BARBOSA, 2006, p. 156).

Deste modo, organizar a rotina com as crianças proporciona noção e compreensão de tempo, além de desenvolver o papel ativo na construção deste contexto. Considerando a preparação da rotina um saber privilegiado para o desenvolvimento infantil, necessita de fato, da presença de profissionais bem preparados e qualificados para tal atendimento.

É aquele que sabe mediar às experiências da criança pequena de modo a contribuir positivamente para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Ele auxilia a criança a utilizar as suas diferentes linguagens para aprender sobre si mesma e sobre o mundo que a cerca, assim como simbolizar sua

experiência e expressar o que sente sobre ela (ORTIZ, 2007, p. 11).

No que diz respeito à organização dos espaços, David & Weinstein (1997) apud Oliveira (1995. p. 109) afirmam que todos os ambientes construídos para crianças deveriam atender a cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil, no sentido de promover: identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e privacidade.

É elemento crucial no desenvolvimento da identidade pessoal. [...] Dessa maneira, a identidade das pessoas está intrinsecamente ligada à noção de identidade de lugar, que consiste de cognições cumulativas pensamentos, memórias, crenças, valores, ideias, preferências e significados sobre o mundo no qual a pessoa vive (OLIVEIRA, 1995. p. 109).

A segunda função consiste em promover o

desenvolvimento de competência, pois, “o desejo de ser competente é básico no ser humano e, provavelmente, muito mais intenso na criança, a qual se vê constantemente envolvida com novas tarefas e desafios” (OLIVEIRA, 1995. p. 110).

A terceira refere-se a promover oportunidades para crescimento, isto é, “oportunidade para explorar ambientes ricos e variados geralmente está associada ao desenvolvimento cognitivo, social e motor. As características de responsividade, complexidade e variedade dos objetos inanimados têm sido relacionadas ao desenvolvimento” (OLIVEIRA, 1995. p. 110). Movimentos corporais e a estimulação dos sentidos fornecem oportunidades para as crianças se desenvolverem e buscar atividades apropriadas às suas necessidades nos diferentes momentos do dia.

A quarta função diz respeito a promover sensação de segurança e confiança, pois, “sentir-se

segura e confiante são aspectos essenciais que permitem à criança explorar o ambiente” (OLIVEIRA, 1995. p.112). A última e quinta função corresponde em promover oportunidades para contato social e privacidade, isto é:

Um ambiente deve ser planejado, tanto em termos de espaço como de objetos disponíveis, para atender ambas as necessidades, de contato social e de privacidade. Variar o tamanho das áreas dentro de um mesmo espaço oferece oportunidade para isolamento, atividades em pequenos grupos ou de todo o grupo, interações didáticas ou outras (OLIVEIRA, 1995. p.112).

Assim, para organizar estas atividades no tempo, é fundamental levar em consideração três diferentes necessidades das crianças:

As necessidades biológicas, como as relacionadas ao repouso, à alimentação, à higiene e à sua faixa etária; as necessidades psicológicas, que se referem às diferenças individuais como, o tempo e o ritmo de cada um; as necessidades sociais e históricas que dizem respeito à cultura e ao estilo de vida

(GONÇALVES, p. 1).

Callil (2010) ressalta que um bom ambiente de Educação Infantil é aquele:

Capaz de contemplar os modos de vida próprios da criança; que favoreça sua liberdade, suas vozes e suas diversas formas de expressão; que promova a aprendizagem cognitiva, social e afetiva; que privilegie os espaços de brincadeira; que propicie diversos tipos de interação; que possibilite escolhas; que seja atrativo, alegre e acolhedor proporcionando um situação de bem estar e segurança (CALLIL, 2010, p. 67).

Portanto, os ambientes devem possibilitar expressões e linguagens das crianças, convívio e diversidade, valores, construção da identidade, cooperação e autonomia. O ambiente interno deve estar bem iluminado, ventilação adequada, além de janelas grandes para boa visualização externa pelas crianças. Os mobiliários devem ser acessíveis, com mesas e cadeiras compatíveis a altura das crianças. No espaço externo, deve

contemplar brinquedos e a natureza, desde que seja seguro às crianças.

Assim, é fundamental que o educador cumpra com a sua tarefa de organizar o ambiente e o tempo, uma vez que, “o tempo exerce a função social de regular a vida humana e também se faz presente nas rotinas das instituições de Educação Infantil, sendo que nelas pode-se perceber a sequência entre as atividades, previamente estabelecida e seguindo um padrão” (GIL, 2014, p. 32).

Além de diversos elementos elencados até a presente, as atividades realizadas nas rotinas estão sempre organizadas em um determinado tempo. De acordo com o Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998), as estruturas didáticas podem ser agrupadas em três modalidades de organização de tempo: atividades permanentes, sequência de atividades e projetos de trabalho.

A primeira corresponde às atividades

relacionadas às necessidades básicas de cuidados, aprendizagem e prazer para as crianças, como as brincadeiras no espaço interno e externo, a roda de história, a roda de conversa, os ateliês ou as oficinas de desenho, pintura, modelagem e música, as atividades diversificadas ou os ambientes organizados por temas e as atividades relacionadas aos cuidados como corpo.

A segunda modalidade sequência de atividades contempla as atividades planejadas e orientadas e que visam promover uma aprendizagem específica e definida. São sequenciadas, pois busca oferecer desafios e graus diferentes de complexidade, tendo em vista fazer com que as crianças consigam resolver os problemas aos poucos.

A última modalidade projetos de trabalho compreende o conjunto de atividades em que são trabalhados conhecimentos específicos construídos em volta de um problema a ser

resolvido. A sua duração depende do objetivo, do desenrolar das etapas e do desejo e interesse das crianças, e o projeto pode durar um ano inteiro ou um tempo menor.

Assim podemos perceber que existem inúmeras atividades que podem ser incluídas na rotina da Educação Infantil, contudo, que cada atividade e tempo sejam adequados à realidade da instituição, do professor e principalmente da criança. Desse modo, a rotina necessita de uma consciência crítica do educador em compreender que a mesma é responsável pela organização e cumprimento das metas do dia-a-dia escolar, visando o desenvolvimento integral da criança.

É indispensável à apresentação das atividades de rotina diariamente, juntamente com as crianças, não como uma tarefa rígida e inflexível, mas sim necessária ao entendimento da mesma, entendendo que ao terminar uma tarefa, ocorrerá outra em sequência, diminuindo a ansiedade.

A rotina pode e deve sofrer modificações e inovações durante o ano letivo, acreditando que esta não deva ser tratada de forma mecânica, mas, dinâmica, sendo planejada e realizada com ações que visa favorecer o trabalho pedagógico e as necessidades das crianças.

Tratar do tempo em semelhança à rotina e ao espaço nele oferecido, sempre se fez presente no universo da educação. Nesta prática de ensino, na elaboração da rotina, deve-se contar com a participação das crianças na elaboração, nas normas e valor.

As rotinas que estão sempre presentes nas propostas pedagógicas e nas práticas das instituições de educação infantil tornam-se um elemento indiscutível por estarem profundamente ligadas a uma tradição social e educacional, não fazendo, assim, parte das discussões pedagógicas, das teorizações da educação infantil e de uma tomada consciente de decisão do educador ou da equipe de trabalho das instituições de educação e cuidados das crianças pequenas (Barbosa (2006, p. 116).

Regular ritmo, temporalidade, fazem-se presentes a partir de um objeto central, o relógio. Usar do relógio na escola infantil representa introduzir o mundo externo nas crianças.

Muitos outros relógios passam a fazer parte da vida das crianças na escola infantil: o relógio de papelão usado para aprender as horas, os relógios de pulso de plástico que estão presentes na casinha de bonecas, o relógio de sol no chão ou a parede que avisa a todos a hora do sol, a campainha ou o sino que demarca as horas de entrada e saída (BARBOSA, 2006, p. 140).

A importância que se tem ao experimentar o espaço e tempo em nosso meio social é indiscutível para nossos valores como sujeitos e como nos relacionarmos com os demais, e é na escola, com suas repetições e ritmos que ensinam a todos a ordem do tempo.

Na literatura pedagógica brasileira sobre a educação infantil, encontram-se vários exemplos de preocupação com o uso do tempo. A princípio

pode-se afirmar,

Que ele gira em torno de duas temáticas básicas, que podem ser vistas como concomitantes e complementares: por um lado, a concepção de que é na infância que as crianças constroem as noções temporais e, portanto faz-se necessário criar circunstâncias ou situações em que elas possam estruturar tal noção, e, por outro, a necessidade de organizar o trabalho com as crianças de modo a harmonizar objetivos, situações, suas características, etc. assim, a construção do tempo é vista como uma aquisição psicológica e sociocultural (BARBOSA, 2006, p. 143).

Daí a necessidade da construção das rotinas não ligadas ao autoritarismo e a disciplinarização, mas com a interação das crianças na construção e transformação das mesmas. Tendo em mente que a rotina varia em sua duração de tempo, “as crianças necessitam, portanto, de que os fatos se sucedam de uma forma mais ou menos estável, configurando um ciclo que lhes proporciona segurança e eficácia em suas ações” (MARTÍN apud BARBOSA 2006, p.

145).

Em relação à periodicidade do tempo, as rotinas podem ser classificadas quando a sua abrangência de horários, em turno integral e turno parcial. No turno parcial a ênfase é maior em atividades cognitivas, lúdicas e de formação de hábitos e atitudes, já no turno integral devem ser atendidas todas as áreas, saúde, alimentação, higiene entre outras.

Ainda acerca do tempo, as atividades estão contempladas a ele, a duração de uma atividade é definida por vários critérios, mas a importância dada à faixa etária específica é maior colocada em questão. Para atividades, as crianças precisam de momentos fixos, mas não rígidos em sua duração, já que essa rigidez pode prejudicar, pois o ritmo e acessibilidade são instáveis de acordo com cada criança.

Barbosa (2006) presta importância aos ritmos e a repetição na organização das rotinas,

fazendo referência aos ritmos biológicos e sua relação com a rotina.

A repetição não é uma criação dos adultos; ela é algo observável nas brincadeiras infantis. Repete-se um jogo para aprender a fazê-lo, brinca-se na areia várias vezes para fazer um castelo cada vez maior. É na repetição que se constroem e consolidam determinadas estruturas mentais. É também repetindo situações, como no jogo do faz-de-conta, que se consegue desempenhar um papel diferente, ver o mundo com outros olhos (p. 149).

A repetição nas rotinas da educação infantil dá experiências às crianças, no sentido de continuidade, mas nada impede de fugir do tempo de ordem para o da desordem, investindo em outra dinâmica, rompendo a burocracia escolar, é somente organizar-se em um planejamento móvel do tempo, fazendo isso junto às crianças.

A rotina em sua função como organizadora e modeladora dos sujeitos segue um padrão fixo e universal na sua formulação, na sua estrutura e no modo de ser representada, pois não é recente e nem

uma invenção nacional. Ela serve como parâmetro para controle social, já que estão presentes em quase todas as instituições de educação e cuidado para crianças pequenas e são executadas em direção ao senso comum, independente do lugar e momento.

Nesse tipo universal que segue as rotinas, esquece-se que crianças são diferentes, nascem e crescem com uma cultura específica, e, portanto, é no contato com outras experiências que valorizam e crescem suas ações, conceitos e ideias sobre sua identidade e sobre seu papel neste mundo. Tendo uma rotina padronizada, cria-se um modo de discurso único, não considerando questões como gênero, cultura, classe social e não dá possibilidades às crianças.

Se eu tivesse de atribuir uma finalidade à educação – é uma pura hipótese da minha parte -, seria a de tornar as pessoas mais sensíveis às diferenças, de fazê-las sair do pensamento massificante. É preciso educar, instruir, nutrir o espírito de

discernimento, formar para a complexidade (KECHIKIAN, 1993, p. 50 apud BARBOSA, 2006, p. 179).

O uso constante das rotinas acabou por torná-las um esquema padronizado de organização. Argumenta-se então, a ideia da flexibilidade, onde as rotinas não devem ser repetitivas e monótonas, mas contar com a participação ativa das crianças, respeitar seu tempo e aceitar imprevistos, que é uma coisa que a todo o momento acontece na educação infantil.

O fato de essas rotinas serem elaboradas para atender aos hábitos culturais dominantes e aos seus valores, faz com que nossas crianças não aprendam e não se responsabilizam pelo seu ato na sociedade. Tais questões merecem uma nova elaboração, que ultrapasse os deveres socialmente aceitos, as obrigações, as normas coercitivas e universais, que foram até agora, a forma mais usada para resolvê-las.

A (re) invenção do cotidiano na escola infantil depende das possibilidades de os adultos responsabilizarem-se pelo seu próprio tempo, romperem com o tédio da repetição, diminuírem o estresse de fazer tudo igual, criando um tempo diverso e diversificado, um tempo que dê espaço às crianças e aos próprios educadores, dando ouvidos a tudo o que eles têm de inovador, de criativo, permitindo usar o tempo com a clareza possível a respeito dos fatores que nos fazem realizar as coisas de um modo ou de outro (BARBOSA, 2006, p. 204).

Portanto, é preciso abrir mão do pensamento e da sabedoria egocêntricos e mudar a prática, para agir reconstruindo os valores nos quais a relação entre adultos e crianças é realizada e compartilhada, considerando que as regras devem sempre ser aplicadas. construído e reconstruído, mas implementado de forma diferente.

Considerando as rotinas e sua flexibilidade, é justo introduzir os modelos utilizados na fase básica do treinamento. Esses modelos são retirados de livros, revistas, documentos e representam

propostas feitas em diferentes lugares e épocas.

Quadro 1 - Rotina (Período Integral)

Atividades
Acolhida.
Calendário
Plano de Trabalho.
Trabalho em ateliês.
Lanche.
Recreio.
Troca de experiências e avaliação.
Arrumação da classe.
Almoço.
Repouso.
Arrumação da classe.
O livro da vida.

Fonte: Groupe Maternel Ligeois (s.d) baseado em Freinet apud BARBOSA (2006, p. 230).

Quadro 2 - Rotina para crianças de 0 a 3 anos

Manhã	<p>Chegada das funcionárias e preparo das salas. Chegada e recepção das crianças, com arrumação do material individual em local apropriado. Troca de fraldas dos bebês, se necessário. Mamadeiras e/ou café da manhã. Atividades ao ar livre, com banhos de sol; brincar com objetos ou brinquedos. Banho. Almoço .</p>
--------------	---

Tarde	Sesta: as crianças podem dormir ou descansar, outras podem brincar em seus berços ou colchonetes. Lanche: mamadeira ou suco. Atividades orientadas.
Final da tarde	Jantar. Leitura de histórias. Troca de roupas das crianças e preparo para a saída. Conversa com os pais e entrega das crianças.

Fonte: Abramowicz e Wajskop (1995) apud BARBOSA, (2006, p. 224).

Quadro 3 - Rotina para crianças de 4 a 6 anos

Manhã	Chegada das funcionárias e preparo das salas. Chegada e recepção das crianças. Converso com o grupo para planejar o dia. Café da manhã. Atividades dirigidas em sala com o grupo de referências por idade. Almoço.
Tarde	Horário livre: as crianças podem descansar, ler, ouvir histórias na biblioteca, brincar ao ar livre ou em salas-ambiente, caso existam na creche. Atividades orientadas: em sala de aula ou ao ar livre, em grupo de diversas faixas etárias, em função das salas-ambiente ou de projetos específicos.
Final da tarde	Jantar. Conversa com o grupo para rever e avaliar o dia.

	Leitura do livro ou de histórias.Saída.
--	---

Fonte: (Abramowicz e Wajkop (1995) apud BARBOSA, 2006, p. 229).

Quadro 4 - Possibilidade de organização do horário

8h – atividades diversificadas.
8h30min – roda.
9h – tema gerador.
10h – merenda.
10h20min – recreio.
11h – oficina.
11h45min – organização da saída.

Fonte: Estado de São Paulo (1994) apud BARBOSA, 2006, p. 232.

As rotinas são formas intencionais de regular e gerenciar o tempo. Reescrever e criar novas formas de organizar o cotidiano das crianças é uma forma de ressignificar as rotinas e pensá-las como práticas educativas que também devem ser criadas e reinventadas a cada dia, e isso é feito com dedicação. Que esse dever possa ser pensado e praticado no próximo capítulo, a partir de algumas sugestões para praticar a rotina do ambiente

escolar, de modo que se torne importante no cotidiano das crianças de zero a cinco anos nesta primeira fase da Educação básica.

CAPÍTULO 3

A ORGANIZAÇÃO DA ROTINA NA INSTITUIÇÃO INFANTIL: ALGUMAS SUGESTÕES

Este capítulo analisa a organização cotidiana da educação infantil e descreve as atividades que precisam ser discutidas, consideradas e implementadas para atender às necessidades das crianças em ambientes educacionais.

O mundo onde as crianças vivem se constitui em um conjunto de fenômenos naturais e sociais indissociáveis diante do qual elas se mostram curiosas e investigativas. Desde muito pequenas, pela interação com o meio natural e social no qual vivem, as crianças aprendem sobre o mundo, fazendo perguntas e procurando respostas às suas indagações e questões. Como integrantes de grupos socioculturais singulares, vivenciam experiências e interagem num contexto de conceitos, valores, ideias, objetos e representações sobre os mais diversos temas a que têm acesso na vida cotidiana construindo um conjunto de conhecimentos sobre o mundo que as cerca. (BRASIL, 1998, p.163)

Com objetivo não apenas para ilustrar, mas para apresentar algumas sugestões para organizar

a rotina de diferentes momentos do cotidiano das crianças na educação infantil.

3.1 Organização da Rotina

3.1.1 Cuidar e educar

Na educação infantil devem-se oferecer as crianças situações intencionais e direcionadas, para que tais integrem no processo de desenvolvimento infantil. “Cuidado e educação são dois elementos complementares e nunca um sobreposto ao outro” (ARALDI, 2007, p. 38). Para adentrarmos neste contexto, faz-se necessário a definição etimológica destes elementos.

De origem latina, a palavra cuidar é mais frequentemente associada ao verbo cogitare, embora também encontremos referência a sua origem na palavra, também latina, curare, derivada da primeira. O dicionário etimológico da língua portuguesa de Rodrigo Fontinha (s.d.) é um dos poucos pesquisados em que a palavra cuidar aparece como tendo sua origem tanto em cogitare quanto em curare. Na primeira, o sentido é de *pensar, supor, imaginar*; e, na

segunda, tratar de, pôr o cuidado em (MONTENEGRO, 2005, p. 9).

A palavra educar, segundo o Dicionário Etimológico (2008 – 2015) “vem do latim *educare*, por sua vez ligado a *educere*, verbo composto do prefixo *ex* (fora) + *ducere* (conduzir, levar), e significa literalmente 'conduzir para fora', ou seja, preparar o indivíduo para o mundo”. Considerando essa definição etimológica, educar é, portanto, conduzir de um estado a outro, prepará-lo para a vida num determinado meio.

Complementando com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI):

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da

realidade social e cultural (BRASIL, 1998, v. 1, p. 23).

Percebemos, desta forma, que é dificultoso definir cada uma destas palavras isoladamente, pois, ambas se complementam e se fundem no propósito da educação infantil. Para a criança pequena, o vínculo com o educador, colabora com o seu processo de formação. Assim, podemos citar o RCNEI (1998), sobre tal questão:

Entre o bebê e as pessoas que cuidam, interagem e brincam com ele se estabelece uma forte relação afetiva (a qual envolve sentimentos complexos e contraditórios como amor, carinho, encantamento, frustração, raiva, culpa, etc.). Essas não apenas cuidam da criança mas também medeiam seus contatos com o mundo. É nessas interações, em que ela é significada/interpretada como menino/menina, como chorão ou tranquilo, como inteligente ou não, que se constroem suas características [...] (BRASIL, 1998, v.2, p.17).

Perceber as ações da criança revelam fatos que não precisam ser ditos, através de sua

expressão corporal e facial se revela coisas que está sentindo. “Olhar direto em seus olhos, segurá-lo no colo, conversar com ele, mostrar-lhe os brinquedos entreter-se com ele – tudo isso é parte importante [...] do seu desenvolvimento geral” (DEVINE, 1993, p.40).

É nesta fase de vida da criança pequena que o educador deve agir com tranquilidade, afeto e cuidado, transmitindo e explorando a cada ação e possibilidade o potencial da criança.

A educação infantil demanda conhecimento, preparo e planejamento para conduzir a prática, desse modo, “a instituição precisa cuidar e, ao mesmo tempo, propiciar um ambiente seguro onde a criança possa crescer, se desenvolver, aprender e vivenciar de diversas formas, o mundo que a circunda” (ARALDI, 2007, p. 41).

“Quanto menor a criança, mais as atitudes e procedimentos de cuidado do adulto são de importância fundamental para o trabalho

educativo que realiza com ela” (RCNEI, 1998, v.2, p. 15). É necessário que o professor de crianças pequenas, tenha reforçado o trabalho de cuidar e educar, agindo com intencionalidade em toda ocasião, não fazendo de sua prática um ato mecânico, mas sim desenvolver atividades em função de suas necessidades corporais e mentais.

Quando observadas e respeitadas às necessidades das crianças, os cuidados se tornam meios importantes sobre o que a as crianças estão recebendo e a qualidade que lhe trás. “As creches têm de ser pensadas não como substitutas da família, mas, como ambiente de socialização e aprimoramento diferente do familiar, ali, a criança tem que se sentir segura, cuidada e educada” (ARALDI, 2007, p. 41).

O educador ao participar com a criança da grande aventura de construção de conhecimentos deve considerá-la um ser ativo, dona de uma forma própria de ver o mundo e a si mesmo. Para tanto ele deve perceber cada criança e

identificando seus objetivos, sua forma de aprender e de participar nas interações e nas brincadeiras com as outras crianças. Com isso ele cria condições para interagir com ela adequadamente, ou seja, sendo seu parceiro nas situações: observando-a, apoiando-a, perguntando-lhe, respondendo-lhe, escutando-a, incentivando-lhe, entregando-lhe objetos, pegando-a no colo ou rindo com ela. Com isso formam-se vínculos entre ele e a criança (OLIVEIRA, 2003, p. 69-70).

Falar do atendimento à criança pequena deve-se levar em consideração atos de cuidado e educação. Ao cuidar e educar uma criança leva-a a manifestar posturas autônomas, criando hábitos e capacidade de realizar sozinha algumas ações, promovendo múltiplas aprendizagens. Quando se realiza a atividade de cuidar sem intencionalidade, perdem-se ótimas oportunidades de se educar.

“O cuidar relaciona-se também com a organização do centro de educação infantil, seus horários, materiais utilizados e seus espaços, de modo a facilitar a evolução do educar” (ARALDI,

2007, p. 44).

Portanto, ao educador em cada uma dessas ações de cuidado, identificar as possibilidades educativas, pois a base do cuidado humano “é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. [...] E cuidar é valorizar e ajudar a desenvolver capacidades” (BRASIL, 1998, v.1, p. 24).

3.1.2 Adaptação

Para que se tenha uma educação de qualidade é imprescindível que se pense e discuta entre todos os envolvidos os acontecimentos que são possíveis dentro de uma instituição infantil. Quando se trata da adaptação da criança pequena no ambiente escolar, toda equipe deve estar preparada para as situações que possam ocorrer.

No período de adaptação das crianças, algumas choram, ficam retraídas ou agem com violência, além de algumas famílias sentirem-se

inseguras quanto ao acolhimento que será dado ao seu filho. Desse modo, faz-se necessário que a instituição compreenda todos estes sentimentos e que tome cuidados para que todos se sintam acolhidos.

A adaptação pode ser entendida como o esforço que a criança realiza para ficar, e bem, no espaço coletivo, povoado de pessoas grandes e pequenas desconhecidas. Onde as relações, regras e limites são diferentes daqueles do espaço doméstico a que ela está acostumada. Há de fato um grande esforço por parte da criança que chega e que está conhecendo o ambiente da instituição, mas ao contrário do que o termo sugere não depende exclusivamente dela adaptar-se ou não à nova situação. Depende também da forma como é acolhida (ORTIZ, Revista Avisa Lá, s/d, p. 3).

A concepção de adaptação do ponto de vista do acolhimento traz a ideia de que o ato de ensinar não está separado do ato de cuidar. Para acolher o aluno nos primeiros momentos em sua etapa escolar é preciso fazer-se sentir cuidados, seguros

e confortáveis. A forma como cada escola planeja este momento, mostra a concepção que se tem em relação à educação.

Considerar a adaptação sob o aspecto de acolher, aconchegar, procurar oferecer bem-estar, conforto físico e emocional, amparar, amplia significativamente o papel e a responsabilidade da instituição de educação neste processo. A qualidade do acolhimento deve garantir a qualidade da adaptação; portanto trata-se de uma decisão institucional, pois há uma inter-relação entre os movimentos da criança e da instituição fazendo parte do mesmo processo (ORTIZ, Revista Avisa Lá, 2000).

Os primeiros dias na creche/escola costumam não ser fáceis. A adaptação é um período de aprendizagem e desafio. A separação afeta os pais, a criança e professores, devendo, portanto, levar em conta aspectos relevantes para um melhor início da vida escolar, como a participação ativa da família, o planejamento, o envolvimento de todos

os funcionários da escola, atendimento a diversidade e a segurança em lidar com os sentimentos.

Este primeiro momento pode ser um encontro agradável como desagradável. É aqui que crianças e família descobrem sobre convívio, segurança e novos ambientes. “Junto com aqueles que realmente estão encantados por estarem iniciando sua vida escolar, existem frequentemente outras crianças chorando ou paistensos e nervosos” (BALABAN, 1988, p. 24).

“Acolher os pais com suas dúvidas, angustias e ansiedades, oferecendo apoio e tranquilidade, contribui para que a criança também se sinta menos insegura nos primeiros dias na instituição” (BRASIL, 1998, v.1, p.80).

O choro é constante em quase todo o momento de adaptação, e parece ser o fator que mais provoca ansiedade nos pais quanto nos professores, pois é através do choro que os

pequenos conseguem manipular o educador, com o intuito de aproximar-se daquele que não quer se separar.

A prática pedagógica neste contexto é o fator mais relevante na adaptação. O cuidado e a percepção individual das crianças requer a boa relação afetiva entre o educador e o bebê, resultando num trabalho qualificado entre cuidar e educar.

De tal modo, o essencial seria a aproximação da criança com a escola um pouco antes de iniciar seu período escolar, explicando e apresentando seu novo local de convívio e troca de experiências. Acolher os pequeninos com brincadeiras, histórias, brinquedos, jogos e música, faz com que se sintam mais confortáveis. Pega-los no colo, abraçar, sorrir e convidá-los a conhecer este novo ambiente, é um ponto essencial para a confiança entre professor e aluno.

O professor pode planejar a melhor forma de organizar o ambiente

nestes primeiros dias, levando em consideração os gostos e preferências das crianças, repensando a rotina em função de sua chegada e oferecendo-lhes atividades atrativas (BRASIL, 1998, v.1, p. 82).

Considerando o relacionamento e o conforto da criança, todas as atividades de cuidado ajudam a desenvolver mudanças futuras, mostrando que apesar das perdas, o crescimento é importante.

3.1.3 Entrada e saída

Junto às práticas pedagógicas na educação infantil, o momento de entrada e saída das crianças é um procedimento que soma com a aprendizagem e melhoria do ensino. “As entradas e saídas, ainda que breves, se constituem como espaços interativos cotidianos de ampliação da interlocução pedagógica, em que diferentes vozes se fazem presentes na instituição” (ALVEZ e CÔCO, s/d, p. 1).

O momento de entrada e saída está

inteiramente vinculada à adaptação da criança a instituição, ao seu acolhimento. Geralmente este momento se relaciona com o cumprimento de regras, horários estabelecidos pela escola, deste modo, busca-se avançar sobre estes estudos, confrontando este rápido instante de entrada e saída como ação participante das práticas pedagógicas e momentos de atividades.

Um olhar sensível sobre as crianças, um sorriso, o afeto, o acolhimento, o acalanto no choro e nos medos, simples frases - como por exemplo: amanhã nos vemos novamente; hoje é sexta, temos alguns dias em casa e logo nos vemos; porque você não veio ontem, sentimos sua falta; etc. - nos apresentam a intensidade das ações escolares.

As práticas educativas se iniciam logo que o portão de entrada abre as portas, e é finalizado assim que todos os interlocutores se vão. A pressa e impaciência podem impedir que novas aprendizagens se concretizem. A criança nesta

etapa da educação necessita de segurança e estabilidade no local onde passará várias horas do seu dia. De fato, as crianças trazem informações e querem compartilhar. É neste momento que o professor, os colegas, ou qualquer outro adulto da instituição deve pausar seu olhar na criança e ouvi-la, dialogando e opinando sobre o assunto.

“Assim, os momentos de chegada não são isolados da organização do conjunto das ações institucionais, como também no conjunto da vida das crianças” (ALVES e CÔCO, s/d, p. 6). No vai e vem das mochilas, o educador tem a oportunidade de conhecer melhor as crianças, de ter um contato maior com elas, o que contribui no aproveitamento e melhoria do trabalho.

Não ofuscar a polifonia presente nas entradas e saídas, bem como reconhecer a heteroglossia presente nas negociações, implicam o reconhecimento dos diferentes sujeitos integrantes do processo educativo com as crianças pequenas. Implicam também o reconhecimento da potência dos diferentes momentos

como momentos de aprendizagens significativos para o desenvolvimento dos educandos, o processo formativo dos profissionais, a dinâmica das práticas pedagógicas, a configuração do trabalho institucional, o fortalecimento do campo da educação infantil (ALVES e CÔCO, s/d, p. 9).

O objetivo dessa rede de interlocutores na educação infantil é combinar diálogo, engajamento e atividades pedagógicas no desenvolvimento de crianças pequenas que atendam às necessidades e condições de produção no espaço do desenvolvimento infantil.

Quando os pequeninos chegaram de suas longas férias, receberam uma recepção mágica, os pais ou responsáveis recebam um cartão de felicitações.

3.1.4 Roda de conversa

Interação social é instrumento chave para o convívio numa instituição de ensino. Para tal interação, momentos como a roda de conversa são elaborados. Este momento é essencial para a expressão dos sentimentos, dúvidas, conhecimentos e hipóteses.

Normalmente acontece no início do período, com estratégias planejadas pelo professor, onde decidirão em conjunto às atividades do dia, os ajudantes, as novidades, e assim por diante.

A roda de conversa garante “a troca entre as crianças, de forma que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e autoestima” (BRASIL, 1998, p. 31).

A troca de experiências é a socialização de suas descobertas, onde os conflitos e negociações

são indispensáveis e solucionados em sintonia e trabalho. Ao planejar as atividades e entrar num acordo entre um grande grupo, leva-se em conta as preferências dos alunos, suas experiências e vontades.

Para o RCNEI (1998, p. 32), “a interação permite que se crie uma situação de ajuda na qual as crianças avancem no seu processo de aprendizagem”. Citando a roda de conversa como aspecto importante na promoção de aprendizagens, o professor deve discutir sobre os critérios utilizados em sua organização, visando sempre que possível garantir o espaço da individualidade.

3.1.5 Atividades direcionadas

Todas as atividades, pedagógicas e lúdicas, contribuem de forma direta ou indireta para a construção da autonomia, da identidade e da socialização. Planejar todos os dias tipos diversificados de atividades, como pintar,

desenhar, construir, ouvir músicas, dançar, modelar, folhear livros, é um excelente instrumento para o desenvolvimento integral da criança.

Para garantir êxito nas atividades, é preciso conhecer as possibilidades de cada criança e “delinear um planejamento que inclua ações ao mesmo tempo desafiadoras e possíveis de serem realizadas por elas” (BRASIL, 1998, p. 62). Deixá-las descobrir, realizar coisas sozinhas, resolver situações, é uma maneira de observar seu crescimento e suas competências.

O tempo de atividades permanentes é o mais longo da rotina diária. Este momento tem a intenção essencial de divertir-se, por ideias em prática, trabalhar, identificar e resolver problemas, tomar decisões, relacionar-se com outras pessoas, falar, fazer e ver, movimentar-se, etc.

A sequência dos momentos, assim como o tempo aconselhado para cada um, pode ser alterada de acordo com

as circunstâncias. No entanto, os tempos de planejamento, trabalho e revisão devem ocorrer sempre nessa sequência (ordem), sendo o tempo de trabalho mais longo da rotina diária (ZABALZA, 1998, p. 186).

Desenvolver projetos com as hipóteses das crianças, favorecendo o seu aprendizado e interesse, é um meio de ganhar a confiança e experimentar o mundo infantil.

No decorrer da rotina diária e das atividades permanentes, é preciso que o educador se certifique de fazer anotações e registros sobre o desenvolvimento de cada aluno, para que ao final do ano letivo, ou quando necessário, haver uma pauta com observações, podendo ser utilizadas como instrumento avaliativo dos pequenos.

3.1.6 Brincar

Exercer a capacidade nas crianças de criar, com experiências, sejam elas brincadeiras ou aprendizagens, é um ato de ajudá-las a recriar, repensar os acontecimentos, sabendo que estão

brincando.

Nas brincadeiras, as crianças assumem papéis, porém, para assumir determinado papel, ela deve conhecer ao menos o mínimo das características deste personagem. Brincando, as crianças são capazes de resolver problemas, pois, “cria-se um espaço no qual as crianças podem experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos” (BRASIL, 1998, p. 28).

Os jogos, as brincadeiras de faz de conta, jogos didáticos, tabuleiros, jogos de regras, com a mediação do adulto, propiciam a ampliação dos conhecimentos através da atividade lúdica. E é este o aspecto mais significativo para a criança, à brincadeira.

Por meio das brincadeiras os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular,

registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõe (BRASIL, 1998, p. 28).

É no contato de seu corpo com o mundo que a rodeia que ela inicia sua investigação espontânea, manipula os objetos, joga-os, percorrem os espaços a que tem acesso, sente o ar, etc. esses movimentos fazem parte de um mundo onde a criança vê com a magia, e por isso, possui significados.

O brincar se transformou em uma atividade mecânica, nos quais os brinquedos contemporâneos tem a única finalidade, de preparar a criança para o futuro estereotipado do mundo adulto, esquecendo-se do presente, de seu desenvolvimento, de suas etapas, do seu tempo.

De acordo com Paschoal (2007, p. 93-94), “ao considerarmos o tempo vivido pela criança, devemos lembrar que, inicialmente ela desenvolve o tempo subjetivo, [...] e posteriormente, domina o tempo subjetivo, o que, para ela, é mais abstrato”.

Nesta era da tecnologia, a criatividade e a imaginação são substituídas pelo brinquedo que já está pronto, que faz todo o processo imaginativo com a tecnologia, sendo assim, o que a criança faz? É com esta inquietação que educadores devem fomentar situações onde as crianças criem, imaginem, constroem, reaproveitem, usem de situações infantis e de brincadeiras. Ainda de acordo com Paschoal (2007, p. 124): “a perspectiva é que na educação infantil possa-se permitir a construção e não a reprodução”.

A brincadeira é para a criança a mais valiosa forma de aprender e a conviver com pessoas, de compartilhar ideias, objetos e brinquedos. Na educação infantil, porém, entende-se que é preciso trabalhar numa perspectiva de humanização, valorizando a experiência, os sentimentos e emoções e a própria espontaneidade infantil.

Na educação infantil, brincadeiras e momentos lúdicos devem fazer parte da rotina diária,

utilizadas em diferentes momentos do dia. Cabe ao professor, proporcionar atividades dentro e fora da sala, ajudando a estruturar o campo da brincadeira, ofertando objetos, fantasias, jogos, brinquedos, etc.

3.1.7 Alimentação

Existem situações muito diferentes nos momentos dedicados à alimentação em uma instituição infantil, por exemplo, bebês que ainda estão comendo leite materno ou outros tipos de leite, papinha, etc., e aquelas crianças que já estão comendo. ele mesmo e com diversos alimentos.

É aconselhável que a instituição de educação infantil incentive e auxilie as mães nessa prática, acolhendo-as, dando-lhes informações e propiciando local adequado para que possam amamentar seu bebê se assim o desejarem e puderem (BRASIL, 1998, v.2, p. 52).

Quando os bebês já são desmamados e vão para a creche, é oferecida uma mamadeira, e esse momento deve ser oferecido no colo, sempre com

o mesmo adulto, no contato corporal, na troca de olhares entre o adulto e a criança.

A introdução de outros alimentos depende do organismo e do sistema de amamentação de cada criança: “os professores precisam estar atentos às mudanças de necessidades das crianças de acordo com seu processo de desenvolvimento e com suas disposições afetivas” (BRASIL, 1998, v.2, p. 53).

Uma mudança nos hábitos alimentares pode levar à redução do consumo alimentar, em que o adulto pode compreender que a criança é um ser ativo e pode adquirir novas habilidades relacionadas à alimentação, proporcionar experiências relacionadas e estimular a degustação de novos alimentos.

O ato de alimentar tem como objetivo, além de fornecer nutrientes para manutenção da vida e da saúde, proporcionar conforto ao saciar a fome, prazer ao estimular o paladar e contribuir para a socialização ao revesti-lo de rituais. Além disso é fonte de inúmeras oportunidades de

aprendizagem (BRASIL, 1998, v.2, p.55).

Criar um cardápio equilibrado junto com as crianças, conhecer as possibilidades de uso dos alimentos, semear e colher, cuidar da culinária fazem parte da tarefa social de uma pessoa, além de oferecer alimentos versáteis e respeitar as preferências de todos.

A comida logo adquire significado para as crianças. A necessidade de pegá-lo, cheirá-lo, jogá-lo fora faz uma grande bagunça. No entanto, essa confusão não pode ser uma atividade pedagógica, parte do processo de aprendizagem, pois essa exploração dos alimentos é uma atividade que a criança gosta de fazer.

Assegurar o direito das crianças à autonomia na organização de ambientes onde comem lanches, sentam e acomodam-se, servem-se, têm oportunidade de comer com segurança, alegria e independência e garantir o acesso à informação e

às práticas culturais.

Deixá-lo comer sozinho é uma oportunidade para praticar a independência e o controle entre comer e manusear as ferramentas. Pouco a pouco, uma criança pequena aprende o comportamento e a independência desse processo.

A alimentação faz parte do processo educativo e é uma parte importante do desenvolvimento infantil. O processo educativo e o desenvolvimento infantil acontecem continuamente, a alimentação, então, não pode ser pensada somente dentro de casa ou somente dentro da creche. A creche e a família devem pensar juntas sobre a alimentação da criança. Caso contrário, o resultado não será dos melhores (ZABALZA, 1998, p. 131).

Essa relação família-escola ajuda se algumas crianças tiverem dificuldades com seus hábitos alimentares, e a escola é um ótimo espaço para integrar e desfrutar da alimentação, aprendendo juntos para facilitar esse momento.

Como todas as outras rotinas diárias, a alimentação requer uma parceria com os familiares

que envolve planejamento e projetos pedagógicos que envolvam os alunos em conhecimentos e hábitos alimentares saudáveis e nutritivos

3.1.8 Banho/troca

O banho faz parte da rotina, deve ser planejado e implementado como medida que promova o bem-estar da criança, permitindo momentos de vivência e interação com adultos e outras crianças. “A organização do banho na creche precisa prever condições materiais, como banheiras seguras e higiênicas para bebês, água limpa em temperatura confortável, sabonete, toalhas, pentes etc” (BRASIL, 1998, v.2, p. 83).

Para bebês menores de dois anos, é necessário providenciar banheiros e bancos para vestir. Embarcações próprias e chuveiros adequados. A ventilação deve ser adequada à temperatura de cada área. Ao crescer, uma criança de 2 a 3 anos com maior autonomia pode começar a usar sabão e esponja sozinha com a ajuda e

cuidado do educador.

Normalmente, quando se fala em banho, só vem à mente o pensamento de tratamento. A hora do banho é mais do que um momento de cuidado, é um momento de aprendizado e formação de hábitos, onde certas regras são pactuadas.

A organização e o planejamento devem permitir o contato individual com todas as crianças. A hora do banho torna-se uma atividade lúdica e significativa. O banheiro se torna uma floresta, um castelo, uma piscina, um cabeleireiro, etc.

Esse tempo de faz-de-conta deve ser avaliado e modificado pelo educador quando as crianças sentirem que podem enfrentar novos desafios e garantir suas necessidades e independência.

Nesta faixa etária, aprendem a controlar a micção e a defecação e a fazê-lo sem sujar a roupa. Aqui, a ajuda do professor e de todos os membros

do departamento é essencial. Garantir a autoconfiança da criança durante o banho e o banheiro é uma oportunidade de proximidade e aprendizado, respeitando as características individuais de cada criança.

Os procedimentos com a higiene e o corpo proporcionam comunicação às crianças e revelam habilidades que elas podem não estar cientes. No momento do banho e na troca de fraldas dos bebês, a necessidade de: “organizar a rotina e o ambiente para facilitar todo o processo, possibilitando um relacionamento fácil entre as crianças e o adulto” (ROSSETTI, 2009, p. 128).

O banho é uma oportunidade de atividade constante na educação infantil, que promove a independência da criança e aumenta sua autoestima

3.1.9 Higiene

O momento da higiene é o tempo que os professores utilizam para ensinar hábitos de

higiene e manutenção da saúde. Esse procedimento deve ser feito diariamente, com ênfase na escovação dos dentes após as refeições, lavagem das mãos quando necessário e demonstração de hábitos saudáveis.

Nos bebês, os dentes são limpos com gaze enrolada no dedo indicador. Para os maiores e os primeiros dentes aparecem, a observação é uma forma importante de aprendizado.

Como a criança aprende muito pela observação e imitação é importante que ela presencie adultos e outras crianças fazendo sua higiene bucal, ao mesmo tempo que poderão ampliar seus conhecimentos sobre esses cuidados (BRASIL, 1998, v.2, p.56).

Com a ajuda de histórias, as crianças são levadas a realizar atividades de forma independente, aprender sobre seus dentes e higienizá-los.

3.1.10 Hora do descanso

O momento do sono não é um “bicho de sete

cabeças” e nem castigo para as crianças e educadores. O horário do sono e repouso é importante na saúde e no sistema nervoso da criança. “As necessidades e o ritmo do sono variam de indivíduo para indivíduo, mas sofrem influências do clima, da idade, do estado de saúde e se estabelecem também em relação às demandas da vida social” (BRASIL, 1998, p. 59).

Para ter um repouso, é necessário pensar e planejar desde o momento em que adormece até o momento em que acorda.

Os horários de sono e repouso não são definidos *a priori*, mas dependem de cada caso, ou de cada tipo de atendimento. A frequência em instituições de educação infantil acaba regulando e criando uma constância. Mas é importante que haja flexibilidade de horários e a existência de ambientes para sono ou para atividades mais repousantes, pois as necessidades das crianças são diferentes (BRASIL, 1998, p. 60).

Em meio aos obstáculos que enfrentamos, buscamos uma nova forma de trabalhar que torne

o sono um agradável momento de descanso.

Para facilitar as carícias, as crianças acariciam nos colchões, tocam música calma com ritmos suaves, e para os que são um pouco mais difíceis, há individualidade e carinho no ritual.

Segundo o RCNEI (1998, p. 60), alguns cuidados devem ser tomados antes de dormir para bebês e crianças pequenas, como: “tirar os sapatos, a necessidade de trocar fraldas sujas ou molhadas, retirar objetos ou roupas apertadas, colocar a criança; de lado para evitar acidentes enquanto reza durante o sono ou vomita”.

Para os bebês, a primeira hora de dormir nem sempre acontece na hora certa. Por serem pequenos, a vontade de dormir é mais frequente. A refeição geralmente é seguida de uma mamadeira, o que os faz adormecer mais facilmente a qualquer hora do dia.

O pequeno desenvolve e renova as suas energias através do sono, pelo que este momento

de descanso não deve ser interrompido. Ao acordar, é importante respeitar o ritmo e a individualidade de cada um. Além de todos os cuidados e de um ambiente adequado, o professor pode recomendar projetos relacionados a esse momento, atividades que tratem do significado do sono para uma pessoa, de acordo com a faixa etária.

Trabalhar com crianças pequenas e usar esse privilégio para desenvolver necessidades para que elas possam relaxar aumenta a segurança entre criança e cuidador. Cantar as músicas infantis a que estão acostumadas, brincar, embalar, animar, conversar, acalmar é aprender e cuidar do crescimento da criatura.

Em suma, uma instituição de ensino infantil é um espaço onde diferentes seres, diferentes personalidades e organismos, formas, ideias, pensamentos e valores se instalam no mesmo espaço e partilham os mesmos recursos. É nesse lugar que se dá a interação social, o conhecimento,

a experiência e o aprendizado, ou seja. socialização

O desenvolvimento educacional é condicional, pois as potencialidades e habilidades se aplicam a todas as pessoas, portanto, tanto o educador infantil quanto todos os interlocutores da instituição de ensino são responsáveis por esse processo e por proporcionar às crianças momentos de desenvolvimento pessoal e social.

Como menciona Romão, diretor do Instituto Paulo Freire: “o educador deve se comportar como um provocador de situações, um animador cultural num ambiente em que todos aprendem em comunhão” (PELLEGRINI, 2001, p. 9).

Seu papel é participar de todas as atividades do dia-a-dia com diferentes estratégias e formas de comunicar informações. Desenvolver competências e alcançar a autonomia é o primeiro passo para a vida social. Depois, há a responsabilidade do professor no ambiente escolar, por exemplo, valorizá-los e respeitá-los, para que a

criança possa se estabelecer com outras crianças e adultos, criando vínculos e reconhecimento humano.

A interação desses fatores, acompanhada da disseminação da tecnologia na educação nos últimos tempos, tornou-se um papel desafiador para a instituição, pois a inclusão de brinquedos e jogos modernos afastou a criança da infância, alterando o papel da instituição. O educador motiva e aproxima a criança de outro universo.

Apesar dessas mudanças, a educação infantil como primeiro nível da educação básica continua sendo uma meta educativa e nutritiva que contribui para a prática cidadã das crianças de 0 a 5 anos.

CONCLUSÃO

O objetivo deste livro foi convidar gestores e professores da educação infantil a retornarem ao cotidiano, para abrir novas perspectivas na organização do trabalho de educação infantil, para que o serviço tenha objetivos claros, a organização do trabalho educativo: espaços e tempo.

Para que a educação infantil atenda às propostas apresentadas nos documentos oficiais, o aluno deve ser considerado e respeitado em seus diversos aspectos. Lidar com rotinas tornou-se então uma preocupação em controlar o ambiente no sentido de que o bom desenvolvimento da criança seria assegurado.

Trabalhar com rotina exige cuidado e atenção, pois consiste em treinamentos realizados em diferentes horários do dia. O que o torna único é a capacidade de fazer algumas atividades cotidianas de maneira diferente.

A experiência adquirida na instituição de educação infantil e as leituras realizadas mostram que é possível observar que os adultos vivem um dilema em que a individualidade e os diferentes modos das crianças não são respeitados, muitas vezes seguindo a rotina que lhes é imposta, com rigidez

O universo de uma criança é composto por ludicidade, espontaneidade, criatividade, imaginação, fantasia, jogos, música, corpo, gestos, entre outras coisas, por isso não é adequado para uma organização fragmentada. Isso requer novas formas de intervenção por parte de crianças pequenas que têm sua própria percepção de educação.

Para que tal mudança ocorra, deve-se dar ênfase às condições de trabalho e à organização do tempo e do espaço para crianças e adultos no ambiente escolar. Fazer com que as crianças frequentem a escola diária na teoria é muito mais

fácil do que fazê-lo na prática. No entanto, se for feito com amor e respeito aos limites das crianças, é uma grande alegria conviver com as mudanças absurdas e positivas que se veem nos pequenos.

Indo além da prática, conhecendo a teoria e seus endereços. trabalho exaustivo, mas emocionante. Com a realização deste livro, conseguimos conciliar as informações obtidas, pois foram de suma importância para nosso crescimento profissional.

Ao planejar o trabalho, mostramos mais cautela em situações de sala de aula e conseguimos comunicar aos pais e colegas de profissão formas de enriquecer o trabalho e melhorar o desenvolvimento das crianças.

REFERÊNCIAS

ALVES, K. K.; CÔCO, V. **Práticas pedagógicas na educação infantil: as entradas e saídas das crianças.** 2012. Disponível em <http://www.infoteca.inf.br>. Acesso em 03/10/2022.

ANGOTTI, M. **Educação infantil: para que, para quem e por quê?** Campinas: Alínea, 2006.

ARALDI, M. **Prática pedagógica no cotidiano de uma instituição de educação infantil para crianças de 0 a 3 anos: proposta de intervenção visando o brincar, cuidar e educar.** 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007. Disponível em <http://cev.org.br>. Acesso em 03/10/2022.

BALABAN, N. **O início da vida escolar: da separação à independência.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. **Organização do espaço e do tempo na escola infantil**. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federal do Brasil de 1988**. Disponível em [http://http://www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em 03/10/2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 9394 de dezembro de 1996: lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: introdução**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998a. v. 1.

_____ **Referencial curricular nacional para a educação infantil: formação pessoal e social**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998b. v. 2.

BRENNER. E. **O trabalho pedagógico na educação infantil**. Disponível em <http://www.artigocientifico.com.br>. Acesso 03/10/2022.

CALLIL, M. R. S. **Formar e formar-se no berçário: um projeto de desenvolvimento profissional no contexto de um Centro de Educação Infantil**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

DICIONÁRIO etimológico: etimologia e origem das palavras. Disponível em <http://www.dicionarioetimologico.com.br>. Acesso

em 04/10/2022.

DEVINE. M. A criança nasce para aprender: do nascimento aos 3 meses. In: A fala do bebê: a arte de se comunicar com ele. Trad. Atílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 25-42.

FERREIRA, J. C. Planejamento na educação infantil: reflexões sobre teorias e práticas. Itajaí. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2012.

FREITAS, W. R. de. O trabalho pedagógico na educação infantil: uma análise da organização do espaço. Londrina, 2011. In: JORNADA DE DIDÁTICA:- O ENSINO COMO FOCO, 2014, Londrina. Anais...Londrina: UEL, 2014.

GIL, D. B. A. Organização da rotina na educação infantil: um olhar para o tempo, o espaço e o brincar. 2014. 44 f. Monografia (Especialização em Trabalho Pedagógico na Educação Infantil) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

GONÇALVES, R. A rotina na educação infantil. Disponível em <http://monografias.brasilecola.com>. Acesso em 03/10/2022.

KRAMER, S. Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

MACHADO, A. L. de A. (Org.). Encontros e desencontros em Educação Infantil. São Paulo: Cortez, 2002.

MONTENEGRO, T. Educação infantil: a dimensão moral da função de cuidar. São Paulo, 2005.

MORENO. G. L. Organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil. In: PASCHOL, J. D. (Org.) Trabalho pedagógico na educação infantil. Londrina, 2007.

OLIVEIRA, Z. de M. R. Creches: criança faz de conta & cia. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Educação infantil: muitos olhares.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **O currículo na educação infantil: o que propõe as novas diretrizes nacionais?**
In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1., 2010,

Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2010.

ORTIZ, C. Cuidados compartilhados, um planejamento para acolher os pais. Avisa Lá, São Paulo, p. 9, jan. 2001.

_____. **Entre adaptar-se e ser colhido.**
Avisa Lá, São Paulo, p. 6-7, jan. 2000.

_____. **O papel do professor de crianças pequenas.** Pátio: Educação Infantil, Porto Alegre, v. 5, n. 13, p. 10-13, mar./jun. 2007.

PASCHOAL, J. D. (Org.). **Trabalho pedagógico na educação infantil**. Londrina: Humanidades, 2007.

PELLEGRINI, Denise. **Aprenda com eles e ensine melhor**. Nova escola, ano 16, n. 139, p. 19-25, jan. 2001.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. **Os fazeres na educação infantil**. 11. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, J. C. **Organização do trabalho pedagógico na educação infantil: um olhar para as rotinas**. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina. 2012.

ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Índice remissivo

A

A harmonizar, 57
Adaptação, 75
Adultos, 11, 12
Alimentação, 91
Altas habilidades, 29
Ambiente escolar., 12, 14
Angustias, 78
Aprendizagem, 16, 48
Atividades livres, 46
Autoritarismo, 57

B

Brincadeiras, 31, 70
Brinquedos
 contemporâneos, 89
Brinquedotecas, 30

C

Caráter lúdico, 17
Casinha de bonecas, 56
Categoria pedagógica, 15
Classe social, 61
Cogitare., 69
Comunidade escolar, 34
Concepção, 76

Constituição federal em
 1988, 23
Controlar o ambiente, 104
Cotidiano na escola, 62
Crianças, 12
Crianças pequenas, 12
Critérios, 85
Cuidado, 96

D

Dançar., 86
Dcnei/96., 26
Desenvolvimento físico, 29
Desenvolvimento integral,
 15
Diferentes idades., 23
Diretrizes curriculares
 nacionais, 27

E

E resolver problemas, 86
Educação infantil, 13
Educação infantil, 4
Educação nacional de
 1996., 35
Educador, 11, 25, 31, 41, 44,
 52, 54, 56, 71, 72, 73, 75,
 79, 82, 87, 96, 102, 103

Educadoras, 47
Embalar,, 101
Equipe de trabalho, 56
Espaço infantil, 39
Espontaneidade, 105
Esquema padronizado, 61
Estruturas didáticas, 53
Experiências, 27

F

Faixa etária,, 96
Ferramentas., 94
Fraldas dos bebês,, 97

G

Gestos, 11

H

Habilidades, 18, 92
Hábitos alimentares, 94
Higiene, 98
Hipóteses das crianças, 87
Hora do descanso, 99
Horários, 81
Humanidade, 18

I

Incentivo à organização, 13
Individualidad, 11
Instituição escolar, 42

Instituições, 10
Interesse das crianças, 54

J

Jogos,, 11

L

Ldb/96, 26
Lei de diretrizes e bases da
educação nacional, 33
Lúdicas, 58
Ludicidade, 11, 25

M

Mamadeira, 91
Movimentos corporais, 49

N

Necessidades biológicas, 51
Novas formas de
intervenção, 12

O

O papel da rotina, 10
O tempo, 51
Objetos, 90
Organização fragmentada,
12
Os responsáveis, 11

P

Paulo freire, 102
Pedagógica brasileira, 57
Percepção, 12
Período escolar, 79
Planejamento, 28
Planejamento móvel, 60
Planejar, 99
Ppp, 33
Prática cidadã, 103
Prática pedagógica, 39
Práticas pedagógicas, 80
Privacidade, 48, 50
Professor de educação
infantil., 24
Professores, 77

Q

Qualidade, 77

R

Rcnei, 71
Reconhecimento humano,
103

Regras, 63
Relações humanas, 19
Respeitar, 93
Ritmos biológicos, 59
Ritmos suave, 100
Ritual, 100
Roda de conversa, 53
Rotina, 4
Rotina escolar, 10, 41

S

Socialização, 84
Sociedade brasileira, 43
Sono,, 101

T

Tecnologia, 90
Temperatura confortável,,
95
Trabalho, 12
Trabalho pedagógico, 13, 14

V

Valores, 51

